

• APARIÇÃO À TARDE • DOMINGO DE APARIÇÃO • VERGÍLIO FERREIRA • FERNANDO NAMORA •

VERGÍLIO FERREIRA • FERNANDO NAMORA • VERGÍLIO NAMORA • FERNANDO FERREIRA • APARIÇÃO • DOMINGO À TARDE

VERGÍLIO NAMORA • FERNANDO FERREIRA • APARIÇÃO • DOMINGO À TARDE • APARIÇÃO À TARDE • DOMINGO DE APARIÇÃO

luiz pacheco

O CASO DO SONÂMBULO CHUPISTA

CD25A

contraponto



auto de notícia

Aos doze dias do mês de Dezembro de mil novecentos e cinquenta e nove, das 17 às 19 horas, na Livraria Portugal, em Lisboa, compareceu o cidadão VERGÍLIO FERREIRA, para apresentação ao público do seu novo romance, *APARIÇÃO*, autografando todos os exemplares que lhe foram apresentados. Era um sábado. Antevéspera, o suplemento literário do *DIÁRIO DE LISBOA* inseria na primeira página, grande destaque, uma entrevista com o supracitado escritor, onde, a certa altura, ele afirmava: «*As más condições em que trabalha o escritor português são já sobejamente conhecidas. Supérfluo portanto insistir no problema. Todavia, para quem como eu vem da província, há um aspecto cómico e doloroso que chama logo a atenção e que agrava tal problema: os clãs literários com a sua intriga, a sua maledicência e até a sua carbonária privativa.*» O romance *APARIÇÃO*, que o Autor datava de *ÉVORA, 30 DE JUNHO DE 1959*, era uma edição da Portugália Editora e tem o n.º 243843, de 30 de Dezembro de 1959, no Depósito Legal da Biblioteca Nacional de Lisboa.

No suplemento *artes e letras* do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, de 24 de Março de 1960, JOÃO GASPASIMÕES, na sua tribuna de crítica literária, escrevia sobre *APARIÇÃO* uma longa exaltante crónica, terminando assim: «*Eis-nos, sem dúvida, perante um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de Eça de Queiroz.*» Facto consumado: VERGÍLIO FERREIRA conseguira, com *APARIÇÃO*, ultrapassar a barreira do Simões, com quem polemicara asperamente anos atrás, confessando o Simões, na mesma crónica, que já não lia nada de VERGÍLIO FERREIRA desde há onze anos, tendo este escritor publicado neste lapso de tempo mais três romances, um livro de contos e dois livros de ensaios. JGS, com *APARIÇÃO*, ficara reconciliado, venerador e obrigado — as razões do facto levariam longe.

Passados quase dois meses, precisamente a 19 de Maio de 1960, o *DIÁRIO DE LISBOA* (suplemento literário) publica uma reportagem sobre o PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO, com os nomes e as fotos dos concorrentes com mais possibilidades. Eram estes: AUGUSTO ABELAIRA, com *A CIDADE DAS FLORES*, ALVES REDOL, com *UMA FENDA NA MURALHA*, FERNANDO NAMORA, com *CIDADE SOLITÁRIA*, JOÃO DE ARAÚJO CORREIA, com *FOLHAS DE XISTO*, URBANO TAVARES RODRIGUES, com *BASTARDOS DO SOL* e *AS AVES DA MADRUGADA* e VERGÍLIO FERREIRA, com *APARIÇÃO*. Ao todo, eram dezoito as obras concorrentes.

Logo a 25 do mesmo mês, o *DIÁRIO DE LISBOA* dá a notícia da atribuição do PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO a VERGÍLIO FERREIRA, pelo seu romance *APARIÇÃO*, e publica nas centrais uma breve entrevista com o escritor, o qual declara, perguntado sobre a sua reacção ao conhecer a decisão do júri, poucas horas antes: «*É difícil explicar. Um misto de surpresa e de satisfação. Fiquei um pouco atordoado...*» O prémio, de cinquenta mil escudos (valioso para a época), fora atribuído, por maioria, no dia 22 de Maio, na primeira e única reunião do júri, constituído pelos srs. Prof. Jacinto do Prado Coelho e drs. João Gaspar Simões, ÓSCAR LOPES, Mário Dionísio e David Mourão-Ferreira. Já a 7 de Julho seguinte, a Portugália Editora anunciava que estava à venda a 2.ª edição de *APARIÇÃO* e no dia 21 do mesmo mês o *DIÁRIO DE LISBOA* arquivava nas suas colunas o discurso proferido por VERGÍLIO FERREIRA quando da cerimónia da entrega do Prémio. Era a consagração literária (a nível nacional) e o júbilo natural do laureado (a título económico e, até, ideológico).

história de um prémio, outro

Vamos seguir a história do primeiro e único Prémio LINS DO REGO através de alguns recortes de jornais, todos colhidos na *Vida Literária*, suplemento do *DIÁRIO DE LISBOA*:

26 de Maio de 1960

O júri do Prémio Lins do Rego, de que fazem parte os srs. dr. Augusto de Castro, João Pedro de Andrade, dr. Francisco da Cunha Leão, dr. ÓSCAR LOPES e dr. Urbano Tavares Rodrigues, decidiu, por maioria, não atribuir este ano aquele importante galardão literário, instituído pela editorial «Livros do Brasil», dada a impossibilidade de encontrar entre as obras concorrentes alguma que, realmente, contribua para o prestígio e expansão no estrangeiro da literatura portuguesa, segundo a expressão do regulamento. O editor António de Sousa Pinto, que há um ano, nas mesmas circunstâncias, entregou o montante do prémio (40 000\$00) à Sociedade Portuguesa de Escritores, decidiu adicionar o montante do galardão ao do próximo ano, o qual será de 80 000\$00, o mais valioso que se instituiu entre nós. Resolveu, ainda, com o acordo dos elementos do júri, alterar o regulamento do prémio que, a partir deste ano, PERMITE A ADMISSÃO DE ORIGINAIS ASSINADOS COM PSEUDÓNIMOS.

4 de Maio de 1961

Além de Tomás de Figueiredo, Fernando Namora e Alfredo Margarido, concorre ao Prémio LINS DO REGO, instituído pelo director de «Livros do Brasil», António Sousa Pinto, a escritora Maria da Graça Freire. Informações colhidas nos meios editoriais permitem-nos supor serem estes os candidatos com mais probabilidades. O importante Prémio LINS DO REGO, não atribuído em 1959 e 1960, corresponde a uma importância de 80 CONTOS e à edição da obra distinguida em Portugal e Brasil, e em diversos países europeus, pois várias casas entraram já em contacto com Sousa Pinto — revelando interesse em traduzir o livro premiado. O júri, constituído pelos srs. drs. Augusto de Castro, ÓSCAR LOPES, Francisco da Cunha Leão, Rogério Fernandes, João Pedro de Andrade e António Souza-Pinto está a apreciar as obras concorrentes, não se duvidando de que o Prémio, NÃO ATRIBUÍDO EM 59 E 60, SERÁ ENTREGUE ESTE ANO.

11 de Maio de 1961

O Prémio LINS DO REGO, instituído por António Souza-Pinto, director de «Livros do Brasil», em homenagem ao grande escritor brasileiro e seu amigo, despertou o mais vivo interesse. NÃO ATRIBUÍDO EM 1959, ano em que concorreram trinta e quatro escritores, E EM 1960, quando o número de concorrentes desceu para oito, SÊ-LO-Á EM 1961, a um dos VINTE E UM CANDIDATOS. O nome de Lins do Rego, o prestígio de «Livros do Brasil», o júri de que fazem parte os srs. dr. Augusto de Castro, João Pedro de Andrade, Dr. ÓSCAR LOPES (o qual, pormenor a reter, fazia igualmente parte do júri que atribuiu o Prémio CAMILO CASTELO BRANCO ao romance APARIÇÃO, por isso o temos vindo a citar em caixa-alta), dr. Francisco da Cunha Leão, dr. Rogério Fernandes e António Souza-Pinto, o elevado montante do galardão (80 CONTOS — outro pormenor a não esquecer, para se perceberem os depois), a edição da obra distinguida no Brasil e, provavelmente, em França, na Alemanha e na Inglaterra, situam o prémio NO PRIMEIRO PLANO DA VIDA LITERÁRIA E EDITORIAL PORTUGUESA. A propósito das notícias publicadas em «Vida Literária» (ver atrás, data de 4 de Maio/61), nas quais referíamos os nomes de alguns candidatos, como Maria da Graça Freire, Tomás de Figueiredo, Fernando Namora e Alfredo Margarido, António Souza-Pinto enviou uma carta amabilíssima ao coordenador desta página, na qual, entre palavras de menor interesse para o público, diz:

«... Como soube o nome dos concorrentes, que apresentaram as suas produções SOB PSEUDÓNIMO E NENHUM DE NÓS, MEMBROS DO JÚRI, SABEMOS QUEM SÃO? Como pode apresentar os nomes dos favoritos, quando os próprios membros do júri os ignoram, dado que ainda não se reuniram e não se têm encontrado para discutir o assunto?... Se soubesse quantos telefonemas tenho recebido de alguns concorrentes, pedindo explicações sobre resultados que ainda não existem e pela quebra de anonimato de que não sou responsável...»

13 de Julho de 1961

NÃO ATRIBUÍDO EM 1959 E 1960, DUPLICADO, DISCUTIDO, O PRÉMIO LINS DO REGO ESTÁ ENVOLVIDO NUM CLIMA DE «SUSPENSE». OITENTA CONTOS E A EDIÇÃO EM PORTUGAL E NO BRASIL, PROVAVELMENTE A PUBLICAÇÃO EM FRANÇA, ALEMANHA E NA INGLATERRA, JUSTIFICAM O INTERESSE suscitado pelo prémio instituído por Souza-Pinto, de Livros do Brasil. Livros de Maria da Graça Freire, Fernando Namora, Tomás de Figueiredo e Alfredo Margarido são obras concorrentes que um júri constituído por Augusto de Castro, Francisco da Cunha Leão, ÓSCAR LOPES, (cá está ele) João Pedro de Andrade e Rogério Fernandes está a comparar (a comparar com quê? a comparar as obras concorrentes entre si ou estas com outras, já publicadas e, até, já premiadas? distinção que leva pimenta-no-bico). Mas o Prémio Lins do Rego só será atribuído em Outubro. O júri ainda não se reuniu uma única vez. Alguns dos seus membros ainda não leram todos os livros. O Prémio será entregue no início da próxima estação literária, aliás quando deviam ser atribuídos todos os outros, para além de um Verão estático.

7 de Dezembro de 1961

Foto de Fernando Namora, com a legenda FERNANDO NAMORA recebe amanhã, às 18 e 30, na sede da editora «Livros do Brasil», o Prémio José Lins do Rego com que foi recentemente galardoado. (Noutra página, publicidade à 1.ª edição de DOMINGO À TARDE).

* * *

N. B. As edições escolhidas para confronto das **coincidências** são as de 1979, presentemente à venda.

«**APARIÇÃO**», de Vergílio Ferreira,
14.^a edição (1979)

Introdução, pág. 10:

«E outra vez agora me deslumbra, em
alarme, a presença iluminada de mim a mim
próprio, **o eco longínquo das vozes que
me trespassam.**»

Cap. 1, pág. 14:

«Mas a angústia que me habita, **a violenta
redescoberta da morte**, que eu acabo de
fazer, tornam-me estranha esta cidade branca,
separam-na dos meus olhos vazios.»

Cap. 1, 2.^a linha, pág. 13:

«Pelos nove da manhã desse dia de Setembro
cheguei enfim à estação de Évora. Nos meus
membros espessos, no crânio embrutecido,
trago ainda o peso de uma noite de viagem.»

Cap. 1, pág. 14:

«...e ao alto, **disparadas ao céu, as
torres da Sé.**»

Cap. 1, pág. 20:

«Quem foi que gritou? Está morto, está
morto! Júlia dava gritos espavoridos, as crianças
choravam com alarido, minha mãe abraçava-se
a meu pai, **tacteando-lhe a face, as mãos,
o peito, intimando-o a viver.**»

Cap. 2, pág. 22:

«Mas os elos de ligação entre os factos
que narro é como se se **dilúissem num fumo
de neblina e ficassem só audíveis, como
gritos.**»

«**DOMINGO À TARDE**»,
de Fernando Namora,
12.^a edição (112.^o milhar), 1979

Cap. XV, pág. 185:

«**Pela primeira vez**, por assim dizer, nesta
revolta das vísceras, **eu fazia a violenta des-
coberta da morte** — através de uma pessoa
ainda viva. Durante as minhas vigílias de cigarros
traspassava-me o eco de longínquas vozes.»

Cap. I, pág. 25:

«Como foi possível escrever eu isto? Tenho
os **membros espessos** da insónia. É a fadiga
que nos amolece.»

Cap. XVI, pág. 196:

«**No alto, avaliando a altura do céu,
as torres da televisão.**» (na 12.^a edição. Mas
na 1.^a edição está: «**aguçadas ao céu**»).

Cap. XV, pág. 187:

«E, de quando em quando, num súbito
grito do cérebro e dos músculos, eu **tacteava-
-lhe a face, os cabelos, os braços**, para
que esse destino e esse corpo e os nada que
testemunhavam a nossa existência em comum
fossem uma unidade, para ficar certo disso e
ainda de que ela estava realmente a meu lado
— e viva. **Tacteava-lhe** o ofegar lento, vege-
tativo, da carne — e **os meus dedos intima-
vam-na a viver.**»

Cap. XV, pág. 191:

«As vozes da coerência **ensurdecem nestas
malhas de neblina, ficam só audíveis os
gritos.**»

«**APARIÇÃO**», de Vergílio Ferreira,
14.^a edição (1979)

Cap. 2, pág. 25:

«De que **nadas a vida se sustenta!**
O necessário, sim, o necessário é que o futuro os habite — mesmo em ilusão.»

Mesma página, linhas abaixo:

«Dia novo. **Belo dia de Outono cheio de memórias de Verão.**»

Cap. 3, pág. 31:

«**A noite adormecia sobre a terra, cálida, tranquila, como uma nudez saciada.**»

Cap. 3, pág. 36:

«Estou de lado, **sigo-te no rosto a minha própria emoção.**»

Cap. 5, pág. 47:

«Mas **tinha sobretudo uma maneira brusca e cravada de travar** e de me ficar olhando, como se me procurasse **em qualquer sítio de mim** onde não houvesse lembrança do que estávamos dizendo.»

Cap. 6, pág. 57:

«Senti-me embrutecido, atordoado em todo o corpo. Era **espanto e fúria e terror.**»

Cap. 7, pág. 75:

«Ela então veio sobre mim, **já humilde, curvada, pagando alguma coisa da minha humilhação com um pouco da sua fraqueza.**»

«**DOMINGO À TARDE**»,
de Fernando Namora,
12.^a edição (112.^o milhar), 1979

Cap. XIV, pág. 182:

«... a sua ansiedade interrogativa pedia-me **aqueles nada que reanimam uma vida. Em particular uma vida que não tem de que habitar o futuro.**»

Cap. XVII, pág. 206:

«... lá fora estava **um belo dia de Outono, seco e limpo, cheio de pegadas do Verão.**»

Cap. XIV, pág. 182:

«**Uma bela noite de nudez saciada,** que apetecia silêncio, modorra e não palavras.»

Cap. XII, pág. 164:

«Que podia eu dizer-lhe, sem a crosta dos hábitos a defender-me? **Segui-lhe no rosto a minha própria perturbação.**» (na 12.^a edição. Mas da 1.^a até, pelo menos, à 8.^a edição está: «**segui-lhe no rosto a minha própria EMOÇÃO**» — igualzinho mas em minúsculas).

Cap. XIV, pág. 175:

«Ela **tinha uma maneira imprevista de travar e ficar em guarda,** dando tempo a que se revelasse **aquela parte de mim** a que as suas palavras não conseguiam acesso.»

Cap. XIII, pág. 164:

«la aceitando, gradualmente, embora com **espanto, fúria e terror,**»

Cap. XV, pág. 190:

«**Já apaziguada, já humilde, trocando a minha humilhação por um pouco do seu desânimo,**»

«**APARIÇÃO**», de Vergílio Ferreira,
14.^a edição (1979)

Cap. 8, pág. 79:

«**Trazia ainda nas mãos um calor de sangue**, trazia em todo o corpo um sabor morno à humidade elementar onde o cansaço, a angústia, a plenitude subterrânea»

Mesma página, linhas abaixo:

«no **céu espumoso** de névoa.»

Cap. 9, pág. 83:

«À unidade que nos pré-existe a cada um, **à unidade de sermos, a vida imediata, quotidiana, é uma selva de caminhos, de veredas, de confusa vegetação**. Tão fácil perdermo-nos!»

Cap. 14, pág. 147:

«Ana baixou os olhos, pálida, **uma ira fina nas narinas trementes.**»

Cap. 14, pág. 150:

«Chico foi **claro como um murro**:»

Cap. 15, pág. 163:

«**E eu me vi**, ridículo, **numa espécie de degradação sem cúmplices.**»

Cap. 17, pág. 176:

«**O espaço esvazia-se** até ao limiar da memória, **onde alastra o meu cansaço,**»

Cap. 17, pág. 179:

«**Escrevo para ser, escrevo para segurar nas minhas mãos inábeis o que fulgurou e morreu.**»

Cap. 20, pág. 207:

«**Falava baixo, sempre baixo, como se emergisse dos fundos de algum terror**»

«**DOMINGO À TARDE**»,
de Fernando Namora,
12.^a edição (112.^o milhar), 1979

Cap. XV, pág. 186:

«Haveria em mim um lento acumular de emoções constrangidas, amealhadas na sangria dos dias, **que me tinham enchido as mãos de um calor de sangue desperdiçado**»

Cap. XIV, pág. 182:

«Tal como **o céu espumoso**»

Cap. XIV, pág. 180:

«antes de Clarisse me ter vindo baldear **esta floresta de hábitos, de confusa vegetação, que é a vida quotidiana, onde os acontecimentos imediatos** se petrificam, embrutecendo-nos.»

Cap. XIII, pág. 165:

«Mas logo ~~uma ira~~ **uma ira** ~~Chispava~~ me borbulhava **nas narinas frementes.**» (É gralha?)

Cap. XVI, pág. 195:

«E veio a réplica, **nítida como um murro**:»

Cap. XVII, pág. 201:

«**E quando me analisava** fazia-o com insolência — contra mim e contra todos —, mas também, noutras ocasiões, **com uma degradação sem testemunhas.**»

Cap. XVI, pág. 196:

«**O espaço esvaziava-se**, à medida que os meus olhos o percorriam e identificavam, **por ele alastrava o meu cansaço.**»

Cap. XVII, pág. 209:

«Agora de longe, **enquanto escrevo para segurar** as horas esquivas **do que fulgurou para se consumir mais depressa.**»

Cap. XIII, pág. 162:

«**Uma fala rouca, emergindo dos fundos de uma espécie de terror.**»

cada macaco em seu galho

Perante a documentação proposta a qual, suponho, será a indispensável e rigorosamente verificada e nada exaustiva, aquela que o espaço neste folheto consentia, ficará o Prezado Leitor incrédulo a princípio, depois talvez perplexo com o acervo de **coincidências** assinaladas, ficará a fazer-se duas perguntas imediatas: **como pode ter acontecido uma coisa destas? Porquê, e durante quase vinte anos, nada transpirou em público?** Possui várias pistas e respostas; desenvolvê-las todas, aqui e agora, não me é possível. Cinjo-me ao essencial. Algo quero deixar, para já, bem explícito e categórico: **as coincidências**, graduadas desde a cópia correcta integral ao tosco cozinhado, manipulação aldrabada de frases, sempre para pior, sempre a estragar — o que tem sua explicação, veremos adiante —, chegaram ao meu conhecimento há poucos meses por casual lamiré, numa desenfatiada conversa de bica e cervejola. Nenhum mérito me cabe na descoberta das **coincidências**. A minha tarefa consistiu em averiguar a verdade do dito-e-ouvido, evitando (nem desejando) incorrer em precipitadas ilações, num assunto que logo se me afigurou, pelo menos, melindroso. Qual o motivo por que ninguém parece ter reparado nas **coincidências** e se reparou, calou, pouco adiantarei. Aqui à puridade, permito-me alvitar ao dr. Oscar Lopes, membro comum aos dois júris literários: nunca mais se meia a jurado. Uma vergonha, tanta distração sua: Era inerente à função ter lido **Aparição** e **Domingo à Tarde** com o escrupuloso que não seria de exigir num qualquer outro leitor.

Muito provavelmente, o Leitor deste folheto, após os primeiros espantos, suspiros e ais — tanta **coincidência** junta!, chega a haver três por página —, propenderá a imaginar-se um cenário, direi: simplista, e acrescente-se: enganoso. Traíçoeiro, nas aparências. Caluniador. Talvez este: Vergílio Ferreira publica em fins de 1959 o romance **Aparição**, concorre e obtém o Prémio Camilo Castelo Branco de 1960. Concorrente também, com a narrativa **Cidade Solitária**, Fernando Namora vê-se preterido, numa arrelhiadora posição de subalternia, relativamente ao seu companheiro de geração e amigo íntimo. É opinião unânime, sondagens insuspeitas, que Namora não é um ambicioso, um invejoso, mafioso, vaidoso; não é um perdigoto e velhaquete; não pequenote, não morenate, zote. Mas ele há coisas que doem. Deixam cicatrizes fundas. Além desse desaire, Namora tem um frio intenso desejo: ganhar o Prémio José Lins do Rego. Namora trabalha numa anedota, tão pateta e lacrimante como o famigerado **Love Story**, de Erich Segal. Precisava dar-lhe um, como diremos?, toque existencial, **«o sopra existencial»**, **«entrando assim no tema**

ontológico que o existencialismo trouxera entretanto à tona da maré».

O neo-realismo estava a ficar muito visto... mas, um estilo assim a modos que ontológico, não se improvisa de supetão. Sartre e Camus, Malraux, Heidegger, Chestov, Kierkegaard, Jaspers, Merleau-Ponty não se lêem, aspiram, rastrejam sem afincado estudo. Como desenrascar-se? Havia prazos regulamentares a cumprir para o almejado Prémio Lins do Rego. O Leitor, suspicaz, cogitará que o êxito retumbante de **Aparição**, teria apontado a Namora o melhor caminho, o mais fácil. O processo expedito, talvez infalível, era a prata da casa, tão à mão; repar do romance de Vergílio Ferreira uma data de coisinhas giras, metê-las à má-fila, mesmo a martelo, na obrinha que não andava nem desandava. Tinha de despachar o original (!?) para Livros do Brasil. O estilo de Namora, frouxo e tedioso, ia ser borrifado, embutido, dopado com requintes formais, mimos criativos do Vergílio. Que se lixasse! os amigos são para as ocasiões.

Repare: é o Leitor quem está cogitando assim, não eu. Eu tenho e ateimo noutra convicção, que é a boa, a única, porque **científica**. Seguindo, porém, a versão malévola (aquilo mesmo que Você está a pensar, meu caro!) cumpriria chamar a atenção para um pormenor, sórdido a valer, da imaginária historieta (a sua). Se um escritor, por exemplo: Vergílio Ferreira, escreve e publica um livro, sujeita-se ao julgamento de milhares de leitores, ao exame da crítica. Se, depois e no seu pleníssimo direito, com esse mesmo livro concorre a um prémio literário, depara com um júri para apreciar ainda mais rigorosamente a sua obra, num confronto responsável com as restantes obras concorrentes. Vejamos agora outro caso, exemplo: Fernando Namora. O Regulamento do Prémio Lins do Rego previa **originais inéditos e podendo ser subscritos por pseudónimo**. Enviando um original (!?), **sob pseudónimo**, Namora não arriscava nada. Ou quase nadinha: só por grande azar iriam descobrir a batota. O seu original (!?), camuflado pelo **pseudónimo**, ia ser lido por meia-dúzia de fulanos apenas, nem o facto de lá estar, também, o dr. Oscar Lopes, jurado no Prémio Camilo, o preocupa: é amigalhaço. O gravoso do acto de Namora, que não prescreve a vinte anos de distância, nem nunca mais, é essa sua despurorada fraude, deslealdade para com o júri, o promotor do prémio. Principalmente, eis o que não convirá escamotear, com os maiores lesados, os outros concorrentes. Já morreram alguns. Outros aí estão, vivos e publicando. Quantas esperanças não teriam posto num prémio que podia ser decisivo, pelo quantitativo monetário, pela projecção internacional que garantia, para as suas carreiras literárias? Como suspeitar que um parceiro levava a cábula preparada, sabe-se lá com que convên-

cias? Alfredo Margarido, por exemplo, que responda.

Prémio nas unhas, Namora insiste na burla e, com mais desplante, arrosta com o público leitor. Ora, era-lhe fácil evitá-lo. Limpar o original (!?) de tudo quanto lhe enfiara, surripiado a **Aparição**. Ciganice mais refinada, de acordo. Mais prudente e subtil, todavia. Pelo menos, não ia fazer passar por tolo ou seu tapa-misérias a Vergílio Ferreira. Ao tempo, Namora dispunha, como escritor, do prestígio suficiente para dizer ao editor: **«dá cá isso, tenho de rever aí umas coisas...»**. Tal como fez com o título. Quem iria, então, protestar? saber da marosca? Namora declara: **«a regra, que tem tido escassas excepções, é não mostrar os originais a ninguém.»** Os membros do júri não iam comparar, talvez nem pudessem, o livro publicado com o original (!?) que tinham examinado. Do dr. Oscar Lopes nem se fala, sabidas a sua desmemória, distração, etc. E **Domingo à Tarde**, como obra literária, perdia tanto como isso? Não aqueita nem arefenta.

O cenário que o Leitor tem vindo a congeminar está completamente falseado. Mas, e ainda antes de lhe servir a minha versão **científica**, falta dizer algo. Quando em duas obras nos surgem tais e tantas **coincidências**, podemos encantar várias hipóteses... a) uma fonte comum; b) trabalho... dois, do tipo experiência surrealista **cadavre-exquis** ou, por paródia, **«toma lá esta imagem, este fraseado porreiro e bom proveito te façam!»**; c) Namora ter utilizado a técnica do **cut-up**, inventada por Brion Gysin e magnificamente aproveitada por William Seward Burroughs; d) o Leitor está lembrado de mais alguma...? Mas a minha versão é que vale.

Conheço Condeixa-a-Nova, vivi curtas temporadas em Alcabideque, lugarejo dali distante uma légua, vai-se bem a pé, estrada plana, várzea fecunda, muita água a correr, monumentos romanos, gente boa e franca. Travel amizade com pessoas que lidaram com o Fernandinho desde pequenino, me revelaram o grande mistério daquela alma. Ai pelos 8, 9 anitos, ele começou a manifestar sintomas de sonambulismo. Não se curou. Aquilo agravou-se com a idade. Estamos agora em 1960, ano da fabricação de **Domingo à Tarde**, a dar crédito ao que ele exara no final do livro: **Lisboa, de Outubro de 1959 a Outubro de 1960**. Por então chamava-se **Flores para o túmulo de Clarisse**, aliás, o título da versão catalã: **Flores a la tomba de Clarisse**. Labor intelectual intenso, calor na moleirinha, ansia desenfreada de caçar o prémio, será que terão contribuído para que as crises de **sonambulismo orientado**, esse **estado crepuscular da consciência**, se agravassem? com manifestações mais frequentes, mais agudas? A coitada da Clarisse,

o Lins, o dr. Óscar, as oitentas quiladas, não lhe saíssem da cachola, dia e noite, dia após noite e vice-versa, baralhando-se numa enorme barafunda? Devemos admiti-lo. Mais: **só pode ter sido isso**. O quadro é, então, o seguinte: Namora dorme, pesadamente. De súbito, num gesto brusco, atira as roupas cama fora, senta-se, hirtó, estica os braços para a frente, salta pró chão sem que nada ou ninguém o possam impedir. De balandrau cor-de-rosa como ele gosta para se dar ares de esquerda e lhe fica a matar com o bronzado da cútis, sempre com os braços esticados, vai em passo de ganso, tal um robô, à saleta onde trabalha. Puxa um livro da estante, começa a folhear (sempre a dormir), sublinhar, copiar

frases inteiras. Vai escrevendo («**o esboço é escrito à mão, a versão definitiva à máquina**»), revelou, numa entrevista). A página tantas, chateia-se (o seu subconsciente, tá visto), levanta-se, estica outra vez os braços muito esticados e regressa, a passo de ganso ou aos pulinhos, para a caminha. De manhã, quando repara nos escritos com a sua letra sobre a secretária, elogia-se: **«enal ontem fartei-me de trabalhar»**. Toca a pôr na versão definitiva, à máquina.

Esta minha versão, repito: **científica**, esclarece todas as dúbidas, destrói interpretações levianas, silêncios escusos. Por exemplo: suponhamos que Vergílio Ferreira veio a saber — e há quantos anos? — das fraudes, dos surripiaços do seu

querido amigo. Conhecendo a doença dele, aguentou e, piedosamente, carinhosamente, calou-se. Também o toscó das **coincidências**, a inocência de Namora no caso do Prémio e durante todos estes anos que passaram, ficam ilibados. Por outro lado, e é problema que aos investigadores futuros desde já se coloca, quantas e quantas páginas, quer em **Domingo à Tarde**, quer nos seus outros livros, não terão sido resultantes de chupanças parecidos, em transe de sonambulismo orientado? **Fontes de Namora**: um tema inesgotável. Ou, então, ele vai curar-se definitivamente e vai consagrar o resto dos seus dias a varejar dos seus volumes tudo aquilo que lá meteu como **sonâmbulo chupista**.

Léxico

SONÂMBULO — Indivíduo que, durante o sono, efectua por automatismo actos coordenados, especialmente andar. E, ainda: aquele que, durante um sono hipnótico, é capaz de agir e/ou falar.

SONAMBULISMO — Estado de automatismo inconsciente o qual se manifesta por actos coordenados durante o sono (marcha; automatismo ambulatório). *«A consciência pode estar também não completamente barida, mas perturbada em graus variados e fala-se então de obnubilação da consciência. Mais especificamente, pois que na consciência é necessário distinguir a clareza do seu estado e a amplitude do seu campo, as perturbações vão agora ser mencionadas separadamente, conforme dizem respeito a uma ou a outra. Nesta base, distinguiamos portanto: 1) Estados de confusão, nos quais fica alterada a clareza ou lucidez da consciência. 2) Estados delirantes. 3) Estados crepusculares, nos quais, por sua vez, existe uma redução do campo de acção da consciência que, como bem explicam Bini e Bazzi, «se restringe apenas a um pequeno grupo de representações, ideias, sentimentos, etc., com exclusão de qualquer outra actividade alheia àquelas.» Como diz Biondi, distinguem-se duas espécies de estados crepusculares: estados crepusculares orientados e estados crepusculares com desorientação. Nos primeiros, o comportamento exterior da pessoa é ordenado e por isso os actos, embora praticados sem motivo aparente, intempestivos ou até delituosos têm a aparência de ser coordenados e de serem conscientes e intencionalmente dirigidos a um escopo determinado; claro que, na realidade,*

esses actos são inconscientes e automáticos, porque a pessoa em tal estado age como um autómato. Daí resulta um dos caracteres clínicos mais importantes, se não indispensáveis, dos estados crepusculares: a total ou parcial falta de memória dos factos ocorridos durante o próprio estado crepuscular, como afirmam O. Binswanger e E. Siemerling. Fazem parte dos fenómenos crepusculares aqueles fenómenos de automatismo ambulatório conhecidos pelos nomes de dromomania ou poriomania, em que o doente totalmente inconsciente se entrega a uma vagabundagem sem razão e sem finalidade, empreendendo até por vezes grandes viagens a pé, de comboio ou noutros meios de transporte, mantendo a maior parte das vezes um comportamento exterior normal e ordenado, até que, ao despertar, se encontra num lugar estranho sem se aperceber, naturalmente, da razão disso. Semelhante aos estados crepusculares é o sonambulismo que deve ser considerado como um estado de sono patológico: os actos e movimentos realizados em tal estado são verdadeiros e próprios automatismos, tais como os realizados nos estados crepusculares.»

CHUPISTA — O **DICIONÁRIO DE GÍRIA PORTUGUESA**, de Eduardo Nobre (Casa do Livro Editora, 1980) não consigna este termo, mas apenas **CHUPA** ou **CHUPADA**, **CHUPADO** ou **CHUPADO DAS CAROCHAS**, completamente alheios ao sentido com que usamos **CHUPISTA** no presente texto. Aqui, e como seu sinónimo, teríamos **CRAVA**, pessoa que pede dinheiro ou bens emprestados por sistema (op. cit., pág. 67). Exactly como na conhecida anedota do **Índio Chupista**.